

# **SEXUALIDADE FIEL: REFLEXÕES SOBRE A SEXUALIDADE E UMA TEOLOGIA DE SER**

**Dr. James Farris**  
**Faculdade de Teologia**  
**da Igreja Metodista.**  
**Curso de Pós-Graduação em**  
**Ciências da Religião.**  
**UMESP**  
**theology@uol.com.br**

## **Resumo**

Este ensaio discute as relações complexas entre a sexualidade e a fé e oferece reflexões pastorais a respeito da sexualidade e a fé nos contextos das tradições protestantes históricas. São propostos quatro principais gerais que guiam a sexualidade fiel: Aliança, Graça, Capacitação e Intimidade. A sexualidade é definida como um elemento integral da vida e do ser individual e social que valoriza as relações com pessoas, grupos, comunidades, culturas e Deus. A sexualidade é, também, discutida a respeito das dinâmicas de gênero, poder, identidade, e auto-imagem. A fé é entendida como investimento profundo em centros de valor através dos quais a pessoa e o grupo buscam a criação, a coerência, o significado e o valor da vida.

Palavras-chaves: Sexualidade, fé, princípios éticos, pastoral.

## **Abstract**

This article discusses the complex relations between sexuality and faith, and pastoral reflections on sexuality and faith in the contexts of Protestant religious traditions. Four general principles that guide faithful sexuality are offered: Covenant, Grace, Empowerment, and Intimacy. Sexuality is defined as an integral part of individual and social life and being which involves relationships with persons, groups, communities, societies, cultures, and God. Sexuality is also discussed in terms of the dynamics of gender, power, role identity, and self-image. Faith is understood as deep investment in centers of value through which the person, or group, seeks to establish or construct coherence, meaning, and value in life.

Palavras-Chaves: Sexualidade, Fé, Princípios Ético, Pastoral.

Este ensaio discute a sexualidade e a fé e oferece reflexões pastorais sobre o sentido de ser humanos sexuais e fiéis no contexto das tradições protestante históricas. Além disso, a discussão apresenta quatro princípios gerais que oferecem a base para a sexualidade fiel: Aliança, Graça, Capacitação e Intimidade. A sexualidade, como entendida nesta discussão, refere-se a mais do que os atos e as atitudes que fornecem o prazer erótico. A sexualidade é um elemento integral da vida individual e social que inclui as relações entre pessoas,

grupos, comunidades, sociedades, culturas e Deus. A sexualidade humana inclui o Eros, mas não está restrita a ele. Ser um ser sexual inclui questões de identidade individual e social que não são restritos aos processos físicos e psicossociais de respostas sexuais. A sexualidade inclui, mas não está limitada às dinâmicas de gênero, poder, identidade social, e auto-imagem. Como tal, a sexualidade lida com as questões de identidade e ser e não está limitada à conformidade, às exigências morais e éticas de comunidades de fé. Tais normas éticas e morais são de grande importância, mas a redução da sexualidade à aderência a estas normas e moralidades reduz a sexualidade a um de seus diversos aspectos.

A fé é mais que o investimento cognitivo e emocional relativamente superficial em objetos, idéias e afirmações de fé, ou em comunidades religiosas, políticas, ou sociais que servem as necessidades humanas imediatas. A fé, como entendida nesta discussão, é a disposição da pessoa, ou de si mesma, em centros de valor nas quais há um investimento de confiança e lealdade.<sup>1</sup> Estes centros de valor são mais que um relacionamento conveniente com objetos, idéias e pessoas que fornecem um sentido de segurança instrumental. A fé é um investimento profundo em centros de valor através de quais a pessoa, ou o grupo, busca estabelecer coerência e significado. Neste sentido, a fé oferece o fundamento para a confiança, o significado e a coragem. Estes centros de significado também fornecem a base da criação de comunidade. Nas tradições protestantes históricas, este tipo de fé é quase sempre identificado com crença em Deus e investimento em um grupo complexo de atividades, rituais, crenças, valores e participação em comunidade, ou comunhão. É importante notar que a fé é raramente identificada exclusivamente com Deus. A fé religiosa, ou a fé em Deus, é uma expressão do complexo universo dos centros de valor que orientam a vida. O degrau no qual estes centros de valor são coerentes e integram, ou orientam a vida e a identidade reflete a profundidade na qual a fé é instrumental ou profunda. O investimento pessoal em conteúdos específicos varia grandemente a respeito de como as pessoas entendem e expressam sua fé. No entanto, nas tradições protestantes um fator fundamental é a crença em Deus como criador, em Jesus Cristo como salvador e o Espírito Santo como a presença contínua de Deus no mundo. Além destes elementos e práticas fundamentais as práticas e crenças específicas variam enormemente.

No protestantismo tradicional a relação entre sexualidade e fé é freqüentemente reduzida às questões da moralidade sexual. O universo complexo da sexualidade humana é raramente discutido. Especificamente, a moralidade sexual é freqüentemente reduzida às questões de quais práticas e atitudes sexuais são aceitas pela comunidade de fé. A base destas moralidades sexuais é freqüentemente uma combinação complexa da autoridade de textos bíblicos específicos e da tradição da comunidade. No entanto, o uso dos textos bíblicos e das tradições da comunidade é raramente examinado, ou questionado.

Não é a intenção deste ensaio entrar em questões específicas a respeito de interpretação bíblica, ou examinar as tradições de comunidades religiosas específicas. Em vez disso, esta discussão apresentará uma breve discussão da sexualidade humana e sua interação com a questão da fé. A intenção desta discussão é contribuir para um entendimento pastoral mais amplo e profundo da relação entre a sexualidade e a fé. A questão central que guia esta discussão e a seguinte: O que é sexualidade fiel? No entanto, este ensaio vai além as respostas tradicionais à questão do significado de ser fiel. Ser fiel é freqüentemente entendido como adesão às crenças, às doutrinas, aos dogmas e aos valores de comunidades morais / religiosas específicas. Esta discussão considera a fé como inclusa

---

<sup>1</sup> James Fowler. *Estágios da Fé*. São Leopoldo, Editora Sinodal, EST, 1992.

no ser fiel ao ser. Ser fiel ao ser sexual inclui mais que seguir padrões éticos / morais específicos. Ser fiel ao ser sexual envolve a integração de identidade e prazer sexual de maneira responsável e analisar criticamente os múltiplos fatores que influenciam o que significa ser sexual.

## **SEXUALIDADE**

A fé sexual engloba a pessoa inteira e a comunidade. A intenção deste ensaio é ver a sexualidade como uma maneira de ser e viver e levantar questões sobre o que significa ser fiel à nossa sexualidade no meio de comunidade. Reduzir a discussão da sexualidade à aderência às normas e éticas específicas de comunidades religiosas e morais é entender a fé em uma só de suas múltiplas expressões. A sexualidade inclui, pelo menos, quatro dimensões fundamentais: o sexo biológico, a identidade sexual, o gênero e a orientação sexual. Significa, também, entender e interpretar estes fatores dentro do contexto mais amplo de construir significado e identidade.

O primeiro passo para estabelecer o significado da sexualidade fiel é reconhecer que ser fiel significa fidelidade ao self, ou si-mesmo, e ao ser. Isso significa que, para entender a fé sexual é preciso ser fiel à complexidade de ser seres sexuais. Neste contexto, ser fiel significa a integração destas quatro dimensões básicas da sexualidade. Uma das funções das comunidades religiosas /morais é ajudar esta integração através de diálogo e de educação aberta e honesta no que tange ao significado da sexualidade e a expressão erótica responsável.

### **Sexo Natal**

A vasta maioria dos seres humanos nasce com uma identidade cromossomal XY ou XX. A espermatozóide macho carrega um Y ou X cromossomo sexual. O óvulo feminino contém um cromossomo X. Para gerar um feto macho, um cromossomo X encontra um cromossomo X, criando um XX feto macho. Para gerar um feto feminino, um cromossomo Y encontra um cromossomo X, criando um XY feto feminino. Pressupondo que tudo se desenvolve normalmente, nove meses depois vai nascer um bebê masculino, ou feminino com todas as características anatômicas e genéticas comuns.

Há exceções biológicas e genéticas, mas são raras. Por exemplo, há machos que nascem com uma estrutura cromossomal XYY. A presença extra cromossomal X geralmente resulta em machos que são mais altos, musculosos e frequentemente com níveis mais elevados de agressão e atividade física. Existem, também machos nascidos com uma estrutura cromossomal XXY. Estes machos tendem a ser mais baixos, menos musculares, com pouco cabelo facial e corporal e frequentemente mais tímidos e passivos.<sup>2</sup>

A mesma dinâmica afeta as mulheres. Nestes casos, as fêmeas nascidas com a ausência de um cromossomo X tendem a não desenvolver órgãos reprodutivos normais e não apresentam as características secundárias sexuais, tais como seios, não têm ciclo menstrual e raramente são capazes de gerar filhos. Elas, também são mais baixas.<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> Simon LeVay and Sharon M. Valente. *Human Sexuality*. Sunderland, Massachusetts, Sinauer Associates, 2002, p. 129 – 132.

<sup>3</sup> Ibid, p. 134 -135

A presença de hormônios de mais ou de menos também afeta o sexo natal. A condição mais comum é o hermafroditismo no qual o nenê nasce com combinação de genitália masculina e feminina. De modo geral, as hermafroditas são geneticamente fêmeas, XX, mas suas genitálias são mistas. O que é de interesse nesta discussão é que as hermafroditas são tratadas como machos ou fêmeas dependendo da sua aparência física.<sup>4</sup>

Embora esta discussão pareça abstrata é importante considerar que: 1) a sexualidade natal não é sempre bem definida e; 2) as diferenças hormonais e genéticas influenciam alterações em características e comportamentos sexuais. Não está bem definido até que ponto as diferenças fisiológicas e hormonais influenciam a orientação sexual. No entanto, existem diversas pesquisas que indicam que a homossexualidade é influenciada por fatores hormonais e fisiológicos pré-natais que afetam as estruturas cerebrais.<sup>5</sup>

### **Aspectos socioculturais da sexualidade**

Esta categoria da sexualidade inclui a identidade sexual, o gênero e, até certo ponto, a orientação sexual. A importância primária das influências socioculturais encontra-se na definição do significado da sexualidade. Os seres humanos não aprendem o significado de ser seres sexuais das influências fisiológicas e hormonais. A fisiologia e os hormônios podem definir a pessoa como biologicamente macho ou fêmea, mas o significado de ser macho ou fêmea é aprendido em contextos sociais. A família, a tribo, o grupo, a cultura e assim sucessivamente transmitem o que é esperado da identidade sexual natal. Todas estas influências moldam as atitudes e os significados da sexualidade. A identidade e o significado da sexualidade são comunicados, percebidos e internalizados de acordo com um grupo complexo de fatores e influências. Por motivos pedagógicos, estas influências podem ser entendidas como inclusão de fatores culturais, sócio-psicológicos, e familiares / grupais.

### **O nível cultural: atitudes, valores e crenças**

Os entendimentos sociais da sexualidade precisam ser compreendidos em contexto histórico. O significado de ser seres sexuais tem mudado durante vários períodos históricos, mas as imagens culturais continuam influenciando atitudes atuais a respeito da sexualidade e do comportamento sexual. As atitudes Puritanas, Vitorianas e da Liberdade Sexual a respeito da sexualidade continuam tendo influência significativa nas culturas ocidentais.

As atitudes e moralidades Puritanas a respeito da sexualidade são freqüentemente identificadas com a repressão da sexualidade. Mas, isso não é necessariamente uma análise histórica fiel. As crenças e éticas sexuais Puritanas que se originaram em diversos países da Europa, espalharam-se para a Inglaterra, foram transmitidas para a América do Norte e, via os missionários Norte Americanos, influenciaram quase todos os países da América Central e do Sul. Embora os códigos morais Puritanos sejam bastante rigorosos a respeito das relações e do prazer fora do casamento, dentro da relação conjugal o prazer sexual foi

---

<sup>4</sup> Ibid, p. 133.

<sup>5</sup> Judith K. Balswick and Jack O. Balswick. *Authentic Human Sexuality: An Integrated Christian Approach*. Downers Grove, Illinois, Intervarsity Press, 1999, p. 68 – 103.

valorizado e não havia nenhum vínculo direto entre o ato sexual e a procriação.<sup>6</sup> O prazer sexual foi valorizado em termos de solidificar a relação entre o casal e entre eles e Deus.

Este não é o caso da moralidade sexual Vitoriana. A moralidade sexual Vitoriana geralmente negava, ou reprimia, o prazer sexual em todo qualquer contexto. A sexualidade foi visto como ameaça às estruturas sociais. Isso dentro e fora da relação conjugal. No entanto, é interessante notar que os códigos sexuais Vitorianos permitiram, pelo menos informalmente, uma dupla moralidade. Os homens eram considerados seres sexuais com grandes dificuldades de controlar seus desejos. As mulheres eram consideradas acima de tais necessidades e desejos. Conseqüentemente, antes de se casarem os homens eram informalmente permitidos para expressar seus desejos sexuais com mulheres das “classes baixas”, especificamente com as prostitutas. No entanto, a demanda social foi o casamento com virgens da mesma classe social. Dentro desta ética sexual, aos homens foram concedidos diversos privilégios sexuais, devido às suas “naturezas sexuais”, enquanto as mulheres foram categorizadas como seres quase sem desejo que serviram, ou agüentaram, as exigências sexuais dos homens.<sup>7</sup>

Esta ética sexual foi questionada durante o período entre 1910 e 1940, mas depois do termino do Segundo Guerra Mundial aconteceu uma volta para uma moralidade sexual quase Vitoriana. Depois do caos da guerra havia uma forte tendência de voltar aos valores sexuais que deram preferência aos modelos tradicionais de casamento e papéis de homens e mulheres. Esta tendência valorizou a sexualidade masculina e limitou o papel das mulheres à função de satisfazer os desejos masculinos. Os papéis sexuais serviram para restabelecer o poder da cultura dominante, ameaçado pela Segunda Guerra Mundial, a respeito das relações entre homens e mulheres. No entanto, esta volta aos entendimentos tradicionais das relações sexuais durou aproximadamente 15 anos. Nas décadas de 1960 e 1970 a Revolução Sexual, que abrangeu quase todas as culturas Ocidentais, desafiou os valores sexuais tradicionais e propôs uma ética de Amor Livre, ou a Revolução Sexual. Este desafio aos valores sexuais e culturais foi, pelo menos até certo ponto, instigado pela disponibilidade da Pílula. A possibilidade de ter relações sexuais com pouca chance de gravidez mudou profundamente as relações de poder e identidade entre as mulheres e os homens e, assim, mudou o contexto social da sexualidade.

As influências culturais continuam a afetar a sexualidade e o comportamento sexual. Por exemplo, a presença de Hiv/Aids mudou de maneira profunda o contexto individual e social da sexualidade no mundo atual. À luz disto tudo, a observação mais importante é que os contextos históricos e culturais influenciam profundamente a sexualidade e o comportamento sexual.

Na história bíblica esta influência pode ser vista na importância dada à relação entre o sexo e a reprodução, que reflete as necessidades de sobrevivência do Povo de Deus no Primeiro Testamento, em comparação com o valor da qualidade da relação entre cônjuges.<sup>8</sup> No Segundo Testamento as atitudes a respeito do amor, sexualidade, sexo, casamento, prazer e procriação também refletiram, em grande parte, as várias influências culturais, especificamente o Helenismo e as filosofias Neo-Platônicas que separaram o corpo do

---

<sup>6</sup> Ibid, p. 21-22.

<sup>7</sup> Ibid, p. 21.

<sup>8</sup> Margaret A. Farley “Sexual Ethics” in James B. Nelson and Sandra P. Longfellow. *Sexuality and the Sacred: Sources for theological reflection*. Louisville, Kentucky, Westminster Press, 1994, p. 54-67.

espírito e identificaram o prazer sexual como uma ameaça à procura racional da sabedoria e da comunhão com Deus.<sup>9</sup>

### **O nível sócio – psicológico: papéis sociais**

Os papéis sociais, ou o poder de gênero, são fatores fundamentais no entendimento da sexualidade e do comportamento sexual. Não é difícil perceber os papéis que os homens e as mulheres, em vários momentos históricos, precisaram seguir. Há papéis sexuais, masculinos e femininos, informais mas relativamente bem definidos que os homens e as mulheres “precisam” seguir segundo a cultura dominante. Há variações, mas os modelos continuam influenciando o poder significativo. Por exemplo, os homens trabalham e as mulheres cuidam da casa e dos filhos. As mulheres se vestem e se comportam segundo as normas socialmente aceitas. Os homens se vestem e se comportam segundo as normas socialmente aceitas. As mulheres são funcionárias e os homens coordenadores. Os homens são sexualmente mais agressivos. As mulheres são mais sexualmente passivas. Os homens são estimulados visualmente. As mulheres são estimuladas pelo toque e o contato emocional. A masturbação masculina é aceitável por causa das necessidades sexuais maiores, ou mais imediatas. A masturbação feminina é menos aceitável porque as mulheres têm menos necessidades sexuais imediatas. Os homens podem ter mais contato sexual na adolescência. As mulheres devem manter a virgindade.

Embora as práticas da masturbação e estimulação visual podem ter alguma base biológica ou fisiológica, a vasta maioria de papéis sócio – sexuais são influenciados por experiências e expectativas sociais. Isso pode ser visto através da comparação de papéis sociais e sexuais que homens e mulheres preenchem em diversas culturas. Assim, a identidade e resposta eróticas dos indivíduos podem ser entendidas, pelo menos em parte, com base no condicionamento social e cultural.

Isso é claro nas reações de indivíduos e grupos às atitudes e aos comportamentos sexuais que não seguem as normas aceitáveis de uma cultura, ou de um grupo. Em diversas culturas Ocidentais uma mulher sexualmente “agressiva”, ou um homem “passivo” são freqüentemente criticados, ou ridicularizados. A mulher que se veste “como homem” é criticada. O homem que se veste “como mulher” é isolado. Os papéis sócio – sexuais são mantidos por contextos sociais e, mais especificamente, por relações de poder socialmente defendidas.

### **O nível familiar / grupal**

O significado da sexualidade reside e é filtrado por uma variedade de estruturas sociais. Neste contexto, o grupo pequeno refere-se a como as pessoas aprendem sobre o sexo e a sexualidade no nível da família e nos outros conjuntos que influenciam o indivíduo. Embora aprendamos muito sobre a sexualidade através das influências culturais, tais como a mídia, igreja, escola, família e outros grupos pequenos, por exemplo amigos, têm influência profunda na delimitação do significado das relações do prazer sexual e da auto-revelação. Quase todas as sociedades dão valor à criação de parcerias sexuais que criam relacionamentos familiares de longo prazo. Enquanto as forças culturais e sociais influenciam os modelos básicos destas parcerias é no nível da família e dos grupos

---

<sup>9</sup> Ibid, p. 59-60.

pequenos que aprendemos e desenvolvemos os detalhes de como nos relacionar com os outros. Nós aprendemos, direta ou indiretamente, os detalhes do sexo e da sexualidade nos contextos da família e dos amigos.

O sociólogo Ira Reiss sugere que as famílias e os grupos pequenos comunicam três elementos essenciais sobre a sexualidade que são frequentemente reforçados pela cultura dominante: 1) limites sexuais; 2) o poder do gênero e; 3) a ideologia.<sup>10</sup> Os limites sexuais referem-se à identidade sexual e delimitação das relações sexuais aceitáveis. Estes limites geralmente reforçam as identidades e os comportamentos valorizados pelos poderosos dentro da sociedade. No entanto, uma função importante destes limites é defender os mais fracos e vulneráveis numa sociedade. Um dos limites mais conhecidos é a proibição de ter relações sexuais com crianças, ou com pessoas com capacidades mentais e emocionais prejudicadas.

O poder de gênero lida com quem decide o que é certo e errado, a respeito do comportamento sexual e da sexualidade, no nível cultural. Normalmente, aqueles que têm mais poder numa sociedade exercem bastante controle sobre o que os membros consideram importante. Assim, desde que a sexualidade é vista como importante pelos poderosos, os machos tendem a exigir e possuir mais direitos sexuais do que as fêmeas. Os machos geralmente têm mais poder. Embora isso seja a verdade em quase qualquer nível de sociedade e cultura, o poder de gênero é especialmente crucial em famílias e pequenos grupos por causa da influência destas relações.

A ideologia refere-se a aquilo que a sociedade considera normal, ou o entendimento da natureza humana. A ideologia é frequentemente a base teórica para o estabelecimento dos limites sexuais e os entendimentos dos papéis de gênero. Embora Reiss indique outros fatores, ele destaca dois elementos fundamentais: 1) a igualdade de gênero e; 2) o espaço sexual permitido aos machos e às fêmeas. Por exemplo, em algumas culturas Ocidentais o entendimento das relações entre sexos é entendido da seguinte maneira: o macho sai da casa, trabalha, volta para a casa, descansa, presta alguma atenção à família e, no fim do dia, espera, ou exige, relações sexuais com sua esposa. A fêmea leva os filhos para um vizinho, ou instituição social, que cuida deles durante o dia, trabalha, volta para a casa, prepara a janta, cuida dos filhos, prepara a casa para o dia seguinte e satisfaz seu marido sexualmente. Embora haja muitos outros modelos possíveis a respeito das relações de gênero, estas relações de poder e responsabilidade são comuns. As questões de relações de gênero são fundamentais no entendimento de qualquer dinâmica do sexo e da sexualidade, bem como a definição daquilo que é considerado normal, ou seja, quem define o conceito e as estruturas de poder político e econômico que sustentam estas relações.

O espaço sexual permitido aos machos e às fêmeas refere-se aos tipos e expressões de prazer aceitáveis em relações sexuais. Por exemplo, quais as regras informais que delimitam o prazer sexual masculino? Quais as regras informais que delimitam o prazer sexual feminino? O que é “normal” para o prazer sexual masculino? O que é “normal” para o prazer sexual feminino? O que é “normal” para as relações sexuais entre parceiros? O espaço sexual permitido entre parceiros é, também, altamente influenciado pelas “demandas invisíveis” de gênero e poder.

## **A Sexualidade Integrada**

---

<sup>10</sup> Ira Reiss, *Journey into Sexuality*. Englewood Cliffs, New Jersey, Prentice Hall, 1986, p. 12-17.

A sexualidade humana, identidade e ser, e o comportamento sexual humano, a atração erótica, não podem ser reduzidos a um único fator. Embora haja uma variedade considerável de teorias reducionistas que pretendem explicar, ou justificar, a sexualidade e o sexo de acordo com fatores específicos, estas teorias não refletem a complexidade da sexualidade humana, ou do comportamento sexual. No contexto das tradições protestantes históricas e das ciências naturais há três amplas perspectivas a respeito da sexualidade e do comportamento sexual: 1) Sociocultural; 2) Biológico e; 3) Dogmática. As teorias socioculturais destacam o impacto da sociedade e, especificamente da família, na sexualidade e no comportamento sexual. As teorias biológicas dão ênfase ao papel do sexo natal e as influências biológicas – fisiológicas – hormonais e destacam as estruturas e o funcionamento do cérebro. As perspectivas dogmáticas enfatizam Deus como criador e que através da revelação contida nas escrituras, e talvez na tradição, podemos conhecer, até certo ponto, a vontade de Deus para a sexualidade humana.

Porém, cada uma destas perspectivas, considerado isoladamente, revela só um aspecto da sexualidade humana. A sexualidade humana é uma realidade social, mas ao mesmo tempo é biológica e espiritual. A sexualidade humana tem como base as influências biológicas e genéticas, mas é também social e espiritual. Ser um ser sexual é uma expressão de comunhão com Deus e a criação, mas, também, é ser um ser social e biológico.

A sexualidade é uma parte integral do ser humano, em todos os seus aspectos e expressões. Os fundamentalismos sociológicos, biológicos, ou teológicos ignoram a complexidade da sexualidade humana e do comportamento sexual. Um dos pressupostos deste ensaio é que a sexualidade humana e o comportamento sexual são resultados de uma variedade complexa de influências biológicas, sociológicas, culturais e espirituais. Ignorar qualquer uma destas influências resulta num entendimento fragmentado da sexualidade fiel. No entanto, dar qualquer destas influências a autoridade absoluta nega a possibilidade da sexualidade fiel.

### **Sexualidade Fiel: Aliança, Graça, Capacitação e Intimidade.**

O que é a sexualidade fiel? Desenvolver uma teologia de sexualidade, ou uma ética sexual, é muito além dos limites desta discussão. Porém, é possível sugerir alguns princípios, ou alicerces básicos que refletem a complexidade da sexualidade humana e do comportamento sexual.

Ser fiel é investir em valores que orientam a vida. Este investimento está além do nível de simplesmente anunciar estes valores cognitivamente ou emocionalmente. “Eu acredito em Jesus Cristo” é uma afirmação que reflete uma certa fé ampla. “Eu acredito que a sexualidade é uma benção de Deus” é uma afirmação semelhantemente ampla. As duas colocações são geralmente reconhecidas e afirmadas nas tradições protestantes, mas, freqüentemente, não são refletidas intencionalmente. Sem reflexão intencional tais afirmações de fé raramente influenciam profundamente a vida cognitiva, emocional, prática e espiritual. As afirmações de fé que refletem a afirmação automática das crenças de uma comunidade podem expressar a necessidade humana de pertencer, ou estabelecer posição social, e não centros de valor refletidos e independentes.

Ser fiel, como definido anteriormente, significa investir em, afirmar e integrar valores e si-mesmo, ou self. A função de tais investimentos é estabelecer um sentido de ser no mundo. Tal investimento inclui os aspectos sociais de vida, um sentido de identidade pessoal relativamente independente e o espiritual. As afirmações de fé refletidas e intencionalmente assumidas têm a possibilidade de integrar a identidade pessoal, o significado e o mundo social.

Por estes motivos, a sexualidade fiel é a afirmação crítica das crenças éticas e morais de uma comunidade na qual a pessoa está inserida e a consciência intencional do significado de ser um ser sexual. Quando estes dois universos de significado entram em choque há necessidade de diálogo respeitoso que tem como finalidade a reafirmação ou reconstrução de valores. Confiança exclusiva em “verdades” isoladas propostas e defendidas por autoridades sociais, culturais, biológicas, psicológicas, ou teológicas freqüentemente não reconhecem a complexidade de um ser sexual e dificulta o diálogo entre valores divergentes. Por outro lado, a interpretação desta complexidade de maneira que cria o relativismo categórico de valores pode reforçar o narcisismo e nega a comunhão e comunidade.

Nas tradições históricas protestantes o meio mais comum aplicado para estabelecer o significado da sexualidade fiel é a conformidade aos valores da comunidade. Estas normas são quase sempre fundadas em textos bíblicos específicos, interpretações históricas e, até certo ponto, valores sociais atuais. Como anteriormente discutido, estas interpretações, tradições e valores freqüentemente refletem relações de poder e organização social à luz do entendimento da comunidade da revelação de Deus.

Uma maneira de superar os fundamentalismos biológicos, sociológicos, psicológicos e teológicos e abrir espaço para o diálogo respeitoso entre perspectivas divergentes é abordar a sexualidade humana e o sexo em termos da qualidade da relação. Os conceitos de Aliança, Graça, Capacitação e Intimidade podem oferecer tal ponto de partido ético – moral – teológico.

### **Aliança**

A aliança é um conceito teológico – moral antigo. Em termos psicológicos, fazer aliança significa amar e ser amado (a) e, ao mesmo tempo, reconhecer os limites dos parceiros. A lista de referências bíblicas a aliança é extensiva, mas inclui, no Primeiro Testamento, Gênesis 6. 18, 17, 4-9; Êxodo 34. 15-16; Deuteronômio 31.16; Levítico 17. 7, 20. 5; Números 15. 39; Ezequiel 6. 6, 23. 29 – 30. No Segundo Testamento, Mateus 9. 15; João 3. 29; Efésios 5. 25 – 27; Apocalipse 21. 2. Muitas destas referências usam a metáfora de casamento, ou das relações conjugais, para expressar o significado da aliança.

A aliança é mais que um relacionamento contratual. Embora a aliança inclua o elemento de contrato entre parceiros, seu significado mais pleno é de um relacionamento profundo e incondicional. Assim, a aliança significa que cada parceiro é vinculado ao outro na busca de identidade, significado e valor. A aliança é um ideal que poucas pessoas conseguem alcançar, mas ainda pode ser um meio útil de entender e interpretar o valor e significado de relacionamentos, inclusive as relações sexuais.

Por exemplo, muitos relacionamentos sexuais entre adolescentes e adultos não - casados servem o propósito, ou o fim, de satisfazer necessidades, ou desejos sexuais imediatos, com pouca preocupação com o contato emocional, a comunicação, a auto-revelação e a comunhão. Porém, existem relações sexuais entre adolescentes e adultos não - casados que expressam pelo menos a intenção de estabelecer o contato emocional, a

comunicação, a auto-revelação e a comunhão. Em termos do desenvolvimento cognitivo e emocional, isso é muito mais difícil durante a adolescência, mas não é impossível. Muitos adultos não alcançam este nível de investimento e comunhão emocional e sexual.

Como é que a comunidade religiosa ou moral pode avaliar tais relacionamentos? Tal avaliação é complexa, subjetiva e requer o conhecimento intencional e íntimo de cada relacionamento. Isso pode ser um dos motivos para a valorização de normas e éticas relativamente fixas na avaliação da sexualidade e das relações sexuais. Avaliar a presença, ou ausência, de Aliança, ou comunhão, é muito mais difícil do que proibir as relações sexuais antes ou fora do contexto de casamento. Porém, o princípio de aliança pode abrir espaço para um diálogo respeitoso com pessoas em situações que não estão contempladas pelas éticas protestantes tradicionais e abre espaço para a graça.

### **Graça**

O princípio de graça complementa a aliança. Não há aliança sem graça e não existe graça sem aliança. A graça valoriza os relacionamentos porque busca a restauração de comunhão quando a aliança está ameaçada. A graça sinaliza a possibilidade da reconciliação e da renovação de comunhão. Por exemplo, em Oséias 2. 13 Deus reconhece a rejeição dele por Israel: “Castigá-la-ei pelos dias dos baalins, nos quais lhes queimou incenso, e se adornou com as suas arrecadas e com as suas jóias, e andou atrás de seus amantes, mas de mim se esqueceu, diz o Senhor.” Mas, nos próximos dois versículos, Deus expressa a graça, ou a compaixão: “Portanto, eis que eu a atrairei, e a levarei para o deserto, e lhe falarei ao coração. E lhe darei, dali, as suas vinhas e o vale de Açor por porta de esperança; será ela obsequiosa como nos dias da sua mocidade e como no dia em que subiu da terra do Egito.” Em Oseías 2. 19-20 Deus expressa o significado de aliança e de graça: “Desposar-te-ei comigo para sempre; desposar-te-ei comigo em justiça, e em juízo, e em benignidade, e em misericórdias; desposar-te-ei comigo em fidelidade, e conhecerás ao Senhor.” Enquanto haja muitos outros exemplos de graça nos textos bíblicos, Oseías usa as metáforas de amor, paixão e compromisso que são úteis no entendimento da graça dentro do contexto das relações sexuais humanas. Quando os relacionamentos estão ameaçados ou rompidos, a graça oferece um meio de sarar os ferimentos. Na vida humana, a graça não é infinita, mas oferece a base teológica, ética e psicológica para a aceitação e a reconciliação no meio das limitações e erros humanos.

### **Capacitação**

A capacitação declara que a qualidade da relação sexual precisa ser moldada pelo desejo de afirmar em vez de controlar. A aliança é um voto, a graça é a capacidade de perdoar e a capacitação é a ação de usar o poder para afirmar e fortalecer o outro. João 10. 10 é um exemplo de capacitação: “O ladrão vem somente para roubar, matar e destruir; eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância.” Nos relacionamentos sexuais o conceito de capacitação valoriza compartilhar o poder a fim de honrar todos, e não dominar os mais fracos, ou excluir aqueles que não se conformam com normas estabelecidas.

Uma definição comum de poder é que ele é a capacidade de influenciar o outro, ou impor a vontade. Quando o poder está aplicado de maneira saudável ele não inclui o rendimento de vontade a outra pessoa, mas um processo intencional e ativo de afirmação e crescimento compartilhado. As pessoas capacitadas ganham poder em função do investimento do outro no ser e na atuação delas. O poder é um elemento integral na sexualidade e no sexo. A coerção direta ou indireta de outra pessoa é um abuso de poder.

Quando o poder é usado para controlar, possuir, ou transformar pessoas em objetos há uma violação da capacitação mútua.

### **Intimidade**

O quarto princípio é Intimidade. Conhecer e ser conhecido são fundamentais na sexualidade fiel. A intimidade sexual inclui muito mais que conhecer o corpo de um outro. A intimidade sexual inclui conhecer o corpo, o espírito, os desejos, as alegrias, os medos e as esperanças do outro. Assim, a intimidade significa vulnerabilidade e comunicação profunda. Apesar do Neo-Platônico dualismo entre o corpo e o espírito que entrou na teologia e espiritualidade cristã através de diversas influências nos primeiros séculos, a intimidade inclui Eros (o desejo por aquilo que atrai), Ágape (dar de si mesmo de maneira que valoriza o valor do outro) e Philia (amizade baseada em atração mútua e respeito). Embora estas sejam expressões relativamente distintas de amor, são, ao mesmo tempo, inseparáveis. Um exemplo de intimidade como espiritualidade, ou conhecer e ser conhecido, é o número de textos bíblicos que usa a metáfora de casamento para descrever a relação de Deus com a criação e especificamente o Povo de Deus. Veja, por exemplo, Oseías 1. 2, 2, 19-20; Mateus 9. 15; João 3. 29; Efésios 5. 25-27 e Apocalipse 21. 2. Nestes diversos contextos, o casamento, ou a qualidade da relação entre Deus e a criação implica a presença e importância de Eros, Ágape e Philia.

A intimidade – espiritualidade descreve um processo complexo de construir relacionamentos, ou de juntar-se ao outro que é valorizado. Embora as relações sexuais físicas incluam o contato íntimo, o princípio da intimidade entende que esta união, pelo menos no ideal, esteja muito mais complexa, completa e profunda. O ato sexual é prazeroso, mas a intimidade – espiritualidade convida a presença de Eros, Ágape e Philia. Esta combinação de elementos que expressam a intimidade – espiritualidade tem a possibilidade de transformar o prazer físico em contato com o Divino. A sexualidade fiel é o princípio norteador que respeita a totalidade e complexidade da sexualidade humana e do comportamento sexual e faz possível sua transformação em um aspecto de transcendência.

### **Considerações finais**

A sexualidade fiel inclui conhecimento sobre e ciência crítica da totalidade e complexidade da sexualidade humana e a importância de incorporar os valores, ou os princípios, de Aliança, Graça, Capacitação e Intimidade. Como no caso de qualquer valor, princípio, ou ética, a sexualidade fiel é um ideal. Este ideal busca entender a sexualidade como sendo mais que um ato físico específico. A sexualidade é uma maneira de viver e ser em relação, ou comunhão, consigo mesmo, com o outro, o mundo e Deus. Qualquer tipo de reducionismo banaliza a sexualidade humana. Restringir a sexualidade humana aos seus aspectos biológicos, culturais, sociais, psicológicos, ou teológicos é ignorar, ou desrespeitar a complexidade do ser.

Entender e avaliar a sexualidade e o comportamento sexual através da aplicação de normas morais e dos princípios de Aliança, Graça, Capacitação e Intimidade não oferece nenhuma contradição. As normas morais oferecem os limites práticos numa comunidade e os princípios gerais valorizam a qualidade do relacionamento. Num mundo ideal, os dois devem trabalhar em conjunto. Embora este não seja um mundo ideal, no contexto do pluralismo moral e ético, as normas oferecem estrutura e clareza, enquanto os princípios gerais fornecem flexibilidade. Integrar as duas perspectivas requer flexibilidade e graça.

A sexualidade fiel requer entendimento profundo do significado de ser um ser sexual e dos limites e princípios necessários para guiar a sexualidade e o comportamento sexual. Embora seja supersimplificação, estes princípios podem ser entendidos à luz do amor e da justiça de Deus.

### **Bibliografia**

*A Bíblia Sagrada*. Trad. João Ferreira de Almeida. Barueri, São Paulo, Sociedade Bíblica do Brasil, 1993..

Balswick, Judith K. e Balswick Jack O. *Authentic Human Sexuality: An Integrated Christian Approach*. Downers Grove, Illinois, Intervarsity Press, 1999.

Fowler, James. *Estágios da Fé*. São Leopoldo, Editora Sinodal, EST, 1992

LeVay, Simon e. Valente, Sharon M. *Human Sexuality*. Sunderland, Massachusetts, Sinauer Associates, 2002, p. 129 – 132.

Nelson, James B. e Longfellow, Sandra P. *Sexuality and the Sacred: Sources for theological reflection*. Louisville, Kentucky, Westminster Press, 1994.

Reiss, Ira. *Journey into Sexuality*. Englewood Cliff, New Jersey, Prentice Hall, 1986.